**CRIMES E MISTÉRIO: A MARGINALIDADE EM *A GRANDE ARTE***

**VANIEL, Cristiano Araújo (autor)**

**CORONEL, Luciana Paiva (orientador)**

**cristiano.vaniel@gmail.com**

**Evento: Congresso de Iniciação Científica**

**Área do conhecimento: Literatura Brasileira**

**Palavras-chave:** Marginal, Assassinato, Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa *Vozes marginais na literatura brasileira dos anos 60 até o presente* e objetiva mostrar traços marginais no romance *A grande arte*, publicado em 1983, do ficcionista Rubem Fonseca. O trabalho é um recorte na pesquisa, pois os estudos das obras do autor iniciaram com as publicações dos anos 60, percorreram-se as obras dos anos 70 e foi possível detectar vozes marginais diversas – desde a voz do marginal social até a voz do marginal cultural. Logo, o trabalho sobre o primeiro romance da década de 80 é a continuação da trajetória da pesquisa sobre as obras do autor.

2 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

O método de pesquisa é de caráter bibliográfico. Há a leitura da obra em estudo, a leitura de uma fortuna crítica relacionada à obra e ao contexto em que ela foi inserida e a análise do romance embasada nos conceitos teóricos que abordam traços marginais na literatura.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir das concepções teóricas de Sergius Gonzaga em estudo da questão, é possível afirmar que o romance A grande arte contém traços marginais na sua narrativa através dos personagens Camilo Fuentes e José Zakkai, o Nariz de Ferro.

O estudioso elenca três conceitos de literatura marginal: a obra pode ser marginal pela editoração, ou seja, sua circulação é restrita ao local onde ela foi produzida; pela linguagem, onde a variedade linguística nas narrativas ou poemas é de uso menos prestigiado; e pelos personagens e/ou ambiente, como o próprio afirma, “Esta terceira manifestação da literatura proclamada marginal ligaria-se mais ao problema da escolha de protagonistas, situações ou cenários do que a adesão a uma linguagem experimentalista.” (GONZAGA, p. 151, 1981)

O primeiro é um sujeito de nacionalidade boliviana que trabalha como assassino profissional para uma corporação; é de origem indígena, emergiu de uma classe social menos prestigiada e suas relações interpessoais são raras e curtas. O próprio narrador o descreve quando assim homens o insultam “porque ele era índio boliviano; porque ele era pobre e estava mal vestido; porque os brasileiros eram uns cães nojentos.” (FONSECA, p. 130, 1983)

O segundo é um anão, palhaço de circo, negro e assassino que almeja ascender no submundo carioca conquistando a liderança de um grupo criminoso. Sua vida foi pautada por diversos conflitos sociais quanto a sua aparência e a sua personalidade, como o próprio fala em um diálogo: “Morei nos bueiros, com os ratos. Já cuspiram, mijaram e cagaram em mim. Ou eu morria ou virava essa maravilha que sou.” (op. cit., p. 148, 1983).

Esses dois personagens assumem destaque na narrativa feita pelo personagem-narrador, Mandrake, e durante o desenrolar da história os mesmos assumem o protagonismo ao invés do advogado criminalista. Inclusive, Mandrake, o personagem principal da narrativa, não deve ser incluído como marginal, pois não há elementos que o configuram como tal – o personagem faz parte de uma classe prestigiada em um centro urbano, seu trânsito não abrange um ambiente marginalizado e suas relações interpessoais abrangem à investigação criminal (policiais e testemunhas) e às ligações afetivas (diversas mulheres).

Mandrake cede foco aos marginais para que tenhamos a visão dos motivos que levaram Fuentes e Nariz de Ferro a flutuar na criminalidade e no submundo dos assassinatos e, consequentemente, com esse foco, conhecermos melhor a história desses personagens que compõem a trama central: os assassinatos das prostitutas que são marcadas com a letra “P”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nos anos 60 e 70, a obra de Rubem Fonseca contém traços marginais e esses traços são caracterizados nesta etapa pelos personagens. O tema central das narrativas do autor não é propriamente a marginalidade, mas com o apoio teórico já mencionado, é possível verificar vozes, seja nos personagens – como já fora verificado em outras obras.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Rubem. A grande arte. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1983.

GONZAGA, Sérgius. Literatura marginal. In Crítica literária em nossos dias e literatura marginal. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.